

O Artista pelo Artista na Voz do Próprio

Francisco Cardoso Lima

DeCA | UA | FCT | PT

entrevistas disponível para download (formato PDF) em
http://franciscocardosolima.com/download/o_artista_pelo_artista-joao_pedro_vale.pdf

*documento publicado com o consentimento expresso do respectivo artista,
depois de revisto e validado pelo próprio*

Entrevista a João Pedro Vale realizada em Lisboa em 2 de Maio de 2011 por Francisco Cardoso Lima (no âmbito do Doutoramento em Estudos de Arte da Universidade de Aveiro - com o apoio da Fundação para a Ciência e a Tecnologia).

FCL: O teu 'site' está muito completo. A apresentação dos trabalhos inseridos nas respectivas exposições e inscritos nos diversos anos (ano a ano, exposição a exposição e trabalho a trabalho), acompanhados pelas ligações para os textos de reflexão, torna claro o teu percurso artístico na última década.

Não saí, nem senti necessidade de lá sair.

JPV: O 'site' está estruturado da forma como eu próprio vejo o meu trabalho. Separo as obras por anos e por exposições porque existem várias peças que têm o mesmo título. Os projectos não terminam necessariamente com a apresentação das obras. Varias vezes, volto aos trabalhos anteriores... muitas vezes acontece uma peça de 2009 estar no site "arrumada" com um conjunto de peças de 2007, já que funciona como a continuação do mesmo projecto, anos mais tarde.

FCL: Como, por exemplo, a "Dorothy" (2001) e o imaginário do "Maravilhoso Feiticeiro de Oz"...

JPV: Sim. Outro exemplo são as reproduções de pinturas em plasticina. Primeiro, para uma exposição na Galeria Filomena Soares ("Nascido a 5 de Outubro", 2007), fiz as "Pinturas políticas". Fiz duas mas podia ter feito mais. E cada vez que eu faço uma nova pintura em plasticina, porque me parece fazer sentido ou, simplesmente, porque me apetece, volta a ser encaixada em 2007.

O que acaba por acontecer também, é o facto de existirem diferentes imaginários que são recorrentes ao longo do trabalho e que acabam por surgir em diferentes projectos, ainda que abordados de formas diferentes. A referencia ao Feiticeiro de Oz ou à Judy Garland, surge na "Dorothy", ou mais recentemente em "There's no place like home" (2008), uma peça sobre o 'shoefiti' – quando os ténis são lançados e ficam presos nos cabos electricos nas ruas dos estados unidos, como forma de marcação de território. Ou as referencias ao mar, que surgem com os barcos ou com o filme "Hero, Captain and Stranger".

--- --- ---

FCL: Ontem, na televisão, passou um documentário sobre ti e sobre o teu trabalho inserido na série de documentários sobre artistas plásticos "Geração 25 de Abril".

JPV: Os documentários são complicados... Uma coisa é estarmos aqui a conversar sobre o meu trabalho, outra coisa é, de repente, ter uma câmara, um microfone e o Alexandre Melo à frente.

É estranho estar a explicar ao Alexandre os meus trabalhos. Ele já me conhece há muito tempo e conhece bem as minhas obras. Pedia-me para falar sobre inúmeras coisas da forma mais simples e menos complicada possível. E pedia-me para não usar referências do campo teórico. Enquanto tentava explicar algo tinha que, simultaneamente, pensar no que podia ou não

podia dizer. Desta forma, com tantas condicionantes, torna-se difícil dizer seja o que for. E, ainda por cima, eu nem sou muito eloquente...

--- --- ---

FCL: Como vieste parar às artes? Existe uma história familiar? Porque estás onde estás a fazer o que fazes?

JPV: Não tenho artistas na família. Os meus pais nem sequer cultivavam muito as práticas artísticas. Não posso dizer que já fazia várias esculturas em plasticina ou muitos desenhos coloridos. Fiz tantos como todos os outros miúdos.

FCL: Fizeste um percurso normal até às Belas-Artes?

JPV: Normalíssimo. Enquanto criança e jovem adolescente, achava que ia trabalhar em moda (ou em algo relacionado). Já no ensino secundário, no momento da escolha da área vocacional, decidi, obviamente, pela opção artística. Sobre isso não tinha dúvidas. Pensava até poder vir a ser escultor, ainda que não soubesse bem o que isso queria dizer...

Quando me inscrevi na Escola de Belas-Artes candidatei-me, naturalmente, a Escultura. E fiz o curso muito direitinho. Nunca senti necessidade de me revoltar contra a academia. Cedo percebi que, independentemente daquilo que fizesse ou não fizesse nas aulas, não ia mudar, de repente, aquilo em que eu acreditava. Cumpria com aquilo que me era pedido porque me interessava acabar o curso. E sempre me diverti nas Belas-Artes.

Depois, pós Belas-Artes, entrei logo no mercado artístico a fazer aquilo que me apetecia sem ter que pensar numa outra profissão. Nesse sentido posso dizer que fui um pouco privilegiado.

--- --- ---

FCL: Ainda nas Belas Artes (ou mesmo antes) justaste-te a outros colegas, criaste grupos de amigos, procuras-te outras pessoas no sentido de, em conjunto, conseguirem construir algo? Existiu uma partilha de ideias e vontades nas Belas Artes?

JPV: Existiu. E continuo com uma relação próxima com alguns dos meus colegas das Belas-Artes. Por exemplo, com o Vasco Araújo ou com a Ana Pérez-Quiroga. Mas, na realidade, fomos sempre muito individualistas. Nunca tivemos uma ideia forte e marcante de um colectivo... Cada um fez o seu trabalho, percebendo que, se um conseguisse, os outros também conseguiam. E isso, efectivamente, aconteceu.

Considero esse fenómeno de grupo interessante e estimulante ainda que, de alguma forma, inocente. Parece-me que agora os jovens artistas se juntam mais. Isto é, juntam-se de novo, as gerações anteriores à minha não tinham outra alternativa, havia uma necessidade maior de criar um grupo na medida em que as condições não eram tão fáceis como agora. Havia uma outra ideia de comunidade. Penso que, ultimamente, o que acontece é o grupo desintegrar-se a partir do momento que um dos elementos se destaca...

FCL: Não existia um nome, nem uma identidade, mas contavam uns com os outros... Esta estratégia parece-te recorrente nas artes plásticas, nas diferentes gerações?

JPV: Na geração exactamente anterior à minha percebe-se que essa dinâmica foi muito marcante.

É claro e evidente que foram eles quem, de alguma forma, desbravaram caminho. Estou a falar, por exemplo, do Paulo Mendes ou até do Rui Toscano, do Carlos Roque, etc...

Nós tivemos o Instituto de Arte Contemporânea... Sabíamos que o IAC era o sítio onde se ia pedir o dinheiro para avançar com as nossas propostas. Eles tiveram que fazer tudo sem dinheiro nenhum. Tinham, também por isso, uma posição completamente contra o sistema.

FCL: A geração anterior à tua assumia posições marcadamente políticas. Tu (e a tua geração...) não sentiam necessidade de um envolvimento político?...

JPV: Nós não tivemos necessidade desse trabalho politizado contra o sistema. Para o bem e para o mal, esse trabalho já estava feito. Ainda assim, penso que, também na minha geração, existe um outro trabalho politizado, com diferentes causas.

FCL: Com certeza, tiveram outras batalhas...

E, agora, procuras outros colegas? Circulam pelo teu atelier outros artistas plásticos? Sentes necessidade de te reunir com outros pessoas?

JPV: O meu atelier é no rés-do-chão. Trabalhamos aqui eu, o Nuno e a Ynaie, a nossa assistente. Já somos três. Pontualmente, também o João Onofre, que tem o seu atelier no 1º andar, passa por aqui. Mas não é frequente o meu atelier ser visitado por vários artistas plásticos. Sempre que sinto necessidade de uma opinião exterior, sou eu quem os chamo.

FCL: Chamas, particularmente, artistas, ou estás a referir-te a todos os outros operadores da esfera artística?

JPV: Na realidade, também não acontece com muita frequência porque, sistematicamente, os trabalhos ficam concluídos muito pouco tempo antes de seguirem para as várias exposições.

FCL: Ainda que restrita, essa necessidade de uma opinião exterior é recorrente?

JPV: Sim. E acontece até algo especial. O trabalho que apresento em meu nome, é, desde 2004, realizado no atelier por um conjunto de pessoas. Desde essa data que trabalho com o Nuno Alexandre Ferreira, meu namorado. Mesmo antes de 2004 já recorria à sua ajuda e nesse sentido o trabalho surge sempre como o resultado de uma discussão.

FCL: Percebi que o papel do Nuno Alexandre Ferreira é relevante. O trabalho feito em conjunto com outros elementos e a inerente questão autoral está resolvida?

JPV: Sim. O seu papel na criação das minhas obras é muito importante e a questão da autoria está resolvida.

FCL: E corresponde a uma eventual viragem no teu trabalho?

JPV: Sim.

O Nuno teve uma produção artística própria que abandonou por não querer lidar com toda a máquina do mercado da arte, que está para além do trabalho de criação. Também por isso não se trata de uma colaboração (João Pedro Vale e Nuno Alexandre Ferreira). Mas, e embora seja eu quem assumo a obra de arte perante o mercado, a discussão à volta da criação e do processo criativo é constante e é feita em conjunto. Na realidade, o nosso trabalho não acaba no momento em que saímos do atelier.

Ele, mais do que eu, tem a questão do ego resolvida.

--- --- ---

FCL: São vários os casos em que parece ser o ego a determinar a forma como os artistas se relacionam com o seu trabalho e com a própria esfera artística...

JPV: Eu tenho um problema com o ego e penso que, de certa forma, é esse o motor do meu trabalho.

FCL: Sentes que o teu ego enforma, determina ou transborda para os teus trabalhos?

JPV: Sinto, e não tenho a certeza que isso seja positivo...

FCL: É para ti um problema?

JPV: É. E é-o porque sou inseguro. Pode até ser produtivo, mas não é fácil...

Muitas vezes tenho que parar para reflectir. Questiono-me se estou a fazer aquilo que eu quero ou se estou a fazer aquilo que os outros esperam que eu faça. Essa é uma luta que eu travo comigo constantemente e que me toma muito tempo.

--- --- ---

FCL: Sobre a insegurança, as dúvidas, ou sobre o erro, o fracasso, a desilusão, ou a incerteza, o equívoco, a crise... Sobre esses lugares comuns... Também eles entram no teu trabalho?

JPV: Sim, entram. Do erro não tenho medo. Nem tenho medo de falhar. Não é fácil explicar quais são, efectivamente, as minhas inseguranças e os meus medos...

Aquilo que me coloca mais dúvidas e que demoro mais tempo a resolver são coisas normalmente pequenas. Escolher uma cor pode revelar-se um grande problema e pode demorar vários dias a ser resolvido. Tento fazer várias experiências com diferentes opções para, num segundo momento, fazer a escolha decisiva. São dúvidas que se prendem com a minha prática. Posso demorar uma semana a criar uma imagem que, aparentemente, podia ser resolvida num dia.

Dedico muito do meu tempo a projectos aparentemente não importantes. E sinto que nesse processo criativo, aparentemente inútil, aprendo e avanço e, normalmente, com um bom retorno para a minha prática.

FCL: O teu processo de trabalho é muito minucioso... Muito de labor, muito fazer, muito exploração de diferentes materiais...

JPV: Sim, é. Não tenho que ser eu a fazer. Verdadeiramente, preferia pensar nos projectos e, posteriormente, mandar fazer. Poupava muito tempo.

Mas também percebo que esses momentos oficinais, em que todos investimos o nosso tempo na materialização de uma ideia, são também momentos de aprendizagens importantes, muitas das vezes propulsores para novas obras.

FCL: Trabalhas, então, sobre o teu trabalho, sobre o teu lastro? Ou trabalhavas sobre citações exteriores?

JPV: Trabalho de ambas as formas.

Por um lado, trabalho sobre o meu próprio trabalho. Muitas vezes, as próprias pesquisas e investigações feitas para um determinado projecto, acabam por prolongar-se e servirem de ponto de partidas para novas ideias.

Por outro lado, quando somos convidados por algum 'curator' para participar numa exposição sobre um determinado assunto, normalmente recuperamos pequenos projectos, feito à partida de ideias soltas sem propósito definido, por vezes até com os materiais que sobraram de outras peças. E de repente, um pequeno projecto que foi iniciado por razão nenhuma acaba por ser desenvolvido e transformado num grupo de trabalhos com outro sentido, como resposta a um estímulo exterior.

Gosto de fazer trabalhos por encomenda. Sinto-me desafiado. De ideias exteriores (algumas à partida menos interessantes ou distantes das minhas preocupações) surgem, muitas vezes, projectos muito estimulantes.

FCL: Sentes grande liberdade para poder fazer uma e outra coisa?

JPV: Sinto. E por vezes as peças podem até parecer não terem sido feitas pela mesma pessoa. Gosto de pensar nesses desafios como possíveis mudanças na minha forma de trabalhar.

FCL: No teu processo de trabalho, parece haver qualquer coisa de oficial, de lúdico. Um prazer pessoal, próprio, pelo fazer (ou no fazer) com consequências claras nos teus objectos...

Por outro lado, como te relacionas com o outro?... com a política, o poder, o género, a religião, as tradições (e a portugalidade, seja lá o que isso for), o popular, o erudito, etc... E também a sexualidade, que nas tuas obras tem um papel importante (diria até relacionado com o próprio e não com o outro).

Existe um conjunto de grandes temáticas às quais recorres ciclicamente. Parece-te existir um trabalho sobre ti próprio, sobre o íntimo ou trabalhas aquilo que te é exterior?

Referiste que, por vezes, não sabes se fazes aquilo que tu queres ou aquilo que os outros querem que tu faças.... A pergunta é justamente essa...

JPV: Eu consigo reconhecer-me e identificar-me nos meus trabalhos. Sou eu quem lá está. Mas não considero que trabalhe sobre o íntimo. Tento colocar-me numa posição exterior para, desse ponto de vista, equacionar como essa entidade exterior (que na realidade sou eu) se relaciona com as questões propostas. E tento fazer essa reflexão através de diferentes meios, por diferentes formas, como se para cada temática desenvolvida existisse uma diferente forma de

trabalhar. E sofro as consequências disso já que, formalmente, não tenho um trabalho que seja facilmente identificável com o autor.

--- --- ---

JPV: Por exemplo, nunca tinha explorado o vídeo. Isto é, já tinha feito projectos em vídeo, mas estes acabavam por funcionar como registo de acções/performances. Nunca tinha sentido vontade de desenvolver um projecto inteiro cujo resultado final fosse um filme. Quando estava a fazer a pesquisa para o projecto do Moby-Dick, percebi que a única forma possível de abordar o tema como eu queria seria através do vídeo, pensando nas esculturas não como objectos para serem exibidos numa galeria mas para serem filmados e utilizados pelos actores. Neste momento, sinto-me muito atraído por essa forma de trabalhar, mas...

FCL: Sentes-te comprometido com aquilo que te parece que os outros esperam de ti?

JPV: Sim, mas... também já percebi que, afinal, ninguém está à espera de nada...

FCL: Tens algum receio ou os outros têm algum receio daquilo que pode vir a seguir?...

JPV: Os outros sim...

FCL: Quando olhas para trás, para o teu percurso, encontras um “grande quadro”, encontras uma construção maior sobre a qual estás a trabalhar? Trabalhas conscientemente sobre um tema aglutinador?

JPV: Embora possa parecer pretensioso, quando olho retrospectivamente, parece-me que sim. E isso é estimulante.

--- --- ---

JPV: Por exemplo, sobre o universo ‘gay’: O texto crítico da minha exposição na Galeria Módulo, em 2000, escrito pelo João Pinharanda, dizia que eu trabalhava sob o imaginário não heterossexual. Isto foi em 2000 e foi estranho. Sou ‘gay’ e estou a afirmar isso mesmo. Porque é que isso não pode vir escrito no jornal? Parecia haver algum tabu, algum constrangimento por parte dos outros. Parecia haver uma preocupação para que o meu trabalho não ficasse conotado com o universo ‘gay’. E eu também tinha essa preocupação, embora o trabalho nunca tenha sido desenvolvido como bandeira ‘gay’. Pelo contrário, eram as minhas preocupações e era sobre elas que eu trabalhava. Dez anos depois, em 2009, fiz um filme pornográfico ‘gay’ “Hero, Captain and Stranger”. Embora se trate de uma abordagem muito mais aberta (ou por isso mesmo) as reacções foram muito piores do que há dez anos atrás... Não me tinha apercebido que aquilo que fiz nunca tinha sido feito.

Quando olho para trás percebo que, pelo menos em dois momentos e pelo menos no contexto português, o meu trabalho apresentou algo de novo.

FCL: É gratificante?

JPV: Sim. E se isso serve para alterar a visão que as pessoas têm da realidade que as rodeia, melhor.

--- --- ---

FCL: Por exemplo, na Física, são os físicos quem validam o conhecimento apresentado pelos seus pares. São os próprios quem reconhecem a relevância, a pertinência, a importância do conhecimento produzido. Parece-te que nas artes plásticas existe uma dinâmica semelhante?

JPV: Julgo que essa dinâmica devia existir mas não existe.

FCL: Valorizas mais o reconhecimento vindo por parte dos artistas, teus colegas, ou vindo por parte de, por exemplo, o crítico de arte, o galerista ou outro?...

JPV: Não tem necessariamente a ver com o papel de cada um. Tem a ver com as pessoas e com o crédito que eu atribuo a cada uma.

É interessante e fico com o ego cheio se um importante 'curator' gostar daquilo que faço, não necessariamente pelo reconhecimento mas pelas possibilidades profissionais que daí advêm mas, da mesma forma, gosto quando um amigo, que não tem necessariamente de pertencer ao meio, gosta de um dos meus projectos.

FCL: Parece-te que existe uma dinâmica reflexiva de artista para artista?

JPV: Embora os artistas sejam muito individualistas e muito fechados sobre si próprios, parece-me que existe.

FCL: E parece-te que essa voz do artista é tida em contra dentro da esfera artística?

JPV: Em alguns momentos eu próprio tendo a duvidar da autenticidade daquilo que é dito pelos artistas. Os artistas nem sempre são sinceros, ou pelo menos assim me parece... Para mim, mais importante do que a voz de um artista é a voz de um amigo em quem eu possa confiar.

--- --- ---

FCL: O objecto artístico, pela sua própria natureza, veicula um discurso da ordem do estético. Contudo, considero a hipótese de haver um outro discurso veiculado pelo artista por diversos meios, outros que não a obra de arte.

Por exemplo, o manifesto, já estabilizado historicamente, ou os livros de artista, agora uma prática recorrente, são bons exemplos para esse outro espaço fora do objecto artístico que o artista encontrou para veicular esse outro discurso.

Também tu (para além das várias bandeiras que já apresentaste) recorres frequentemente à palavra escrita/bordada/gravada e inscrita dentro da obra, como por exemplo, na fotografia em que te vestes de ovelha com um cartaz: "Are you still awake?" (2002).

Consideras que existe, de facto, um discurso do artista, outro que não aquele veiculado na obra de arte, diferente daquilo que é o discurso do crítico de arte, do historiador, do galerista, do professor, diferente daquilo que é o discurso dos outros agentes da esfera artística?

JPV: Sim, considero que existe e considero esse discurso muito importante.

FCL: Ele é ouvido? Ele é operativo, tem consequências na esfera artística? Achas importante os outros operadores ouvirem esse discurso do artista?

JPV: Ele é ouvido e também me parece que tem consequências. Ainda assim, tenho algumas dúvidas da importância que lhe é atribuído pelos outros 'players' da esfera artística.

Eu tenho dificuldade em perceber a importância que é atribuída às galerias de arte. Quem lhes atribuiu essa importância?

FCL: Terá sido o próprio artista quem depositou na galeria de arte toda essa importância? Terá sido o artista quem abdicou de reclamar para si essa relevância?

JPV: Sim, acho que sim...

E parece-me que são os artistas quem alimentam essa importância atribuída às galerias de arte.

--- --- ---

JPV: Existem artistas nos quais eu não me revejo. E existem os artistas com os quais eu me identifico por acreditar na validade do seu trabalho e por me sentir próximo do conjunto de questões que os preocupa. Nestes casos, quando encontro afinidades, tento apoiar os artistas e o seu trabalho. Por exemplo, quando eu e o Nuno conhecemos o trabalho do Gabriel Abrantes, recomendamos ao nosso círculo de amigos que o conhecessem também. No caso do Gabriel, o que me parece mais interessante no seu trabalho é a intensidade que ele deposita naquilo que faz e que, posteriormente, acaba por transparecer nas suas obras.

E o contrário também já aconteceu. Já fui convidado para exposições sem que o 'curator' conhecesse o meu trabalho, porque outro artista, no qual o 'curator' acreditava e revia competência, lhe recomendou a minha participação. Esta dinâmica existe entre artistas.

--- --- ---

FCL: Dividi os 'players' da esfera artística entre os lugares (museus, feiras, bienais, fundações, coleções, leiloeiras, galerias, etc...) e as pessoas (historiadores, comissários, jornalistas, galeristas, críticos de arte, etc...). Dentro da esfera artística está também, e naturalmente, o atelier e o artista. A dinâmica entre os diversos lugares e as diferentes pessoas constitui-se como o mercado da arte.

Sentes-te confortável no lugar e no papel que ocupas dentro da esfera artística?

JPV: Não. A existir uma hierarquia (como existe) o artista devia estar em 1º lugar e não está. O artista está precisamente no final da hierarquia.

FCL: O que te parece que pode estar a falhar? Porque é que o artista está nessa situação desconfortável?

JPV: Não é fácil responder...

Preciso vender trabalhos para poder continuar a trabalhar. A máquina tem que andar. E para a máquina não parar existem compromissos. A minha máquina é suportada essencialmente por colecionadores particulares e não propriamente por museus. E relaciono-me bem com isso.

--- --- ---

JPV: Existem artistas com trabalhos muito difíceis de comercializar. Também por isso deviam existir mais apoios à criação artística nas artes plásticas.

--- --- ---

JPV: Se por um lado reservo para mim a liberdade de fazer apenas aquilo que me interessa fazer, por outro lado sei também que devo apresentar objectos comercializáveis. E ao fazer isto não sinto que esteja a abdicar daquilo que considero fundamental.

--- --- ---

JPV: Parece-me que no mercado da arte a validação dos objectos artísticos é feita pelos agentes errados. Não me parece que caiba ao galerista ou ao ‘curator’ dizer o que é ou não é bom. A obra de arte é boa porque existe.

--- --- ---

JPV: Os críticos (e a crítica de arte) são interessantes enquanto catalisadores de discussão e enquanto produtores de conhecimento. E eu próprio aprendo com isso.

FCL: Sim, a tal produção, produção de reflexão sobre o trabalho que o artista faz. Mas tu achas que deve ser o próprio artista a justificar, a validar o seu trabalho, a argumentá-lo?

JPV: Não, embora, pessoalmente, sinta uma grande necessidade de explicar todos os trabalhos, de os apresentar de uma forma muito completa, ainda que sabendo que corro o risco de fechar outras possíveis leituras.

FCL: Cabe ao artista ler o seu trabalho?

JPV: Eu diria que não. Mas sinto essa necessidade.

Por exemplo, a Paola Pivi não diz nada sobre os seus trabalhos. Quando solicitada, as suas respostas são vagas e esquivas. E assim potencia (e bem) as possibilidades de leitura. Ela não se compromete... não se compromete e também não tem que se comprometer. E isso é estimulante.

--- --- ---

JPV: A minha necessidade de explicação do meu trabalho pode estar relacionada com aquilo que já referi: os momentos de dúvida e indecisão que surgem durante o processo de criação e execução. Nessas alturas procuro justificações para fazer de uma forma e não de outra, para pintar azul e não amarelo. E são essas justificações que procuro para mim mesmo que depois sinto necessidade de apresentar ao público.

--- --- ---

JPV: E tem também a ver com os egos... Por exemplo, quando fiz o “Moby-Dick” (2009), construí o cenário com objectos descritos no livro de Herman Melville, mas todo esse trabalho não era evidente no filme. Perante esse facto, decidi apresentar os objectos individualmente. Queria mostrar aquilo que tinha sido o meu trabalho de investigação e a consequência que essa pesquisa teve na minha produção.

FCL: Tratou-se, nesse caso, de uma solução prática e pragmática para resolver um problema processual...

JPV: Sinto-me mais próximo da prática artística. Não gosto de teorizar sobre o meu trabalho. Gosto das leituras teóricas e críticas, feitas por outros, depois do meu trabalho estar construído.

FCL: Uma última pergunta, agora sobre a própria conversa que estamos a ter. Com certeza já tiveste um conjunto de outras conversas e entrevistas com diferentes agentes.

Consideras que esta conversa teve algo de particular por ser entre artistas? Foi diferente daquilo que são as conversas com, por exemplo, os galeristas ou, particularmente, com os críticos de arte? Pareceu-te que houve aqui qualquer coisa de particular?...

JPV: Com um crítico de arte seria de outra forma. Neste caso, foi uma conversa diferente e mais interessante. Neste tipo de abordagens, entre artistas, tenho menos reservas. Trata-se de uma troca de pontos de vista e, na realidade, não me sinto entrevistado.

FCL: Este guião também não é claustrofóbico. Pretende deixar algum espaço para a exploração, muitas vezes introduzida e guiada pelos próprios artistas entrevistados.

JPV: Acredito que exista uma grande diversidade de perspectivas... e será interessante perceber isso através do cruzamento das várias entrevistas...